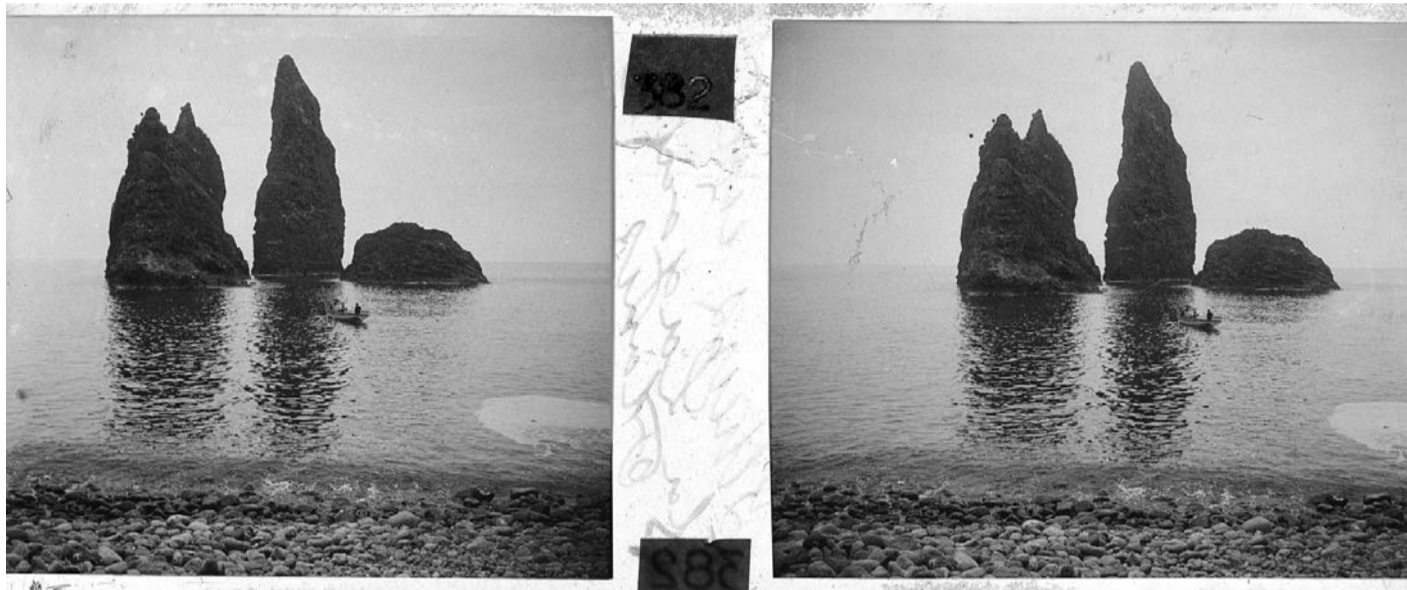


Francisco Afonso Chaves, o fotógrafo errante



Santa Cruz das Flores, 6 de Setembro de 1902, (F. A. Chaves, col. Museu Carlos Machado).

Francisco Afonso Chaves (1857-1926) é reconhecido como um dos mais importantes naturalistas portugueses da viragem do século XIX para o XX, com um amplo trabalho nos Açores e uma intervenção científica internacional como poucos portugueses da sua época tiveram. Porém, a sua vasta obra fotográfica tem sido desvalorizada, considerada mera extensão dos seus múltiplos interesses científicos ou, simplesmente, ignorada. Na sua quase totalidade, permanece desconhecida tanto do grande público como dos estudiosos e dos artistas.

A fotografia de Afonso Chaves, datável em grande parte do período entre 1901 e o ano da sua morte, apresenta três características fundamentais: a grande extensão, a notória qualidade plástica e a constante natureza estereoscópica. A estas podemos acrescentar outra: criada por um viajante incansável e fotógrafo compulsivo, a pró-

pria obra é expressão desta *errância* - a qual não é apenas um facto geográfico mas uma objetiva e subjetiva qualidade plástica. Hoje conhecemos mais de 5000 fotografias, realizadas em vidro, entre positivos e negativos, das quais a maior parte integra a coleção do Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, permanecendo um outro conjunto importante na posse da família. Todas, quase sem exceção, foram identificadas e catalogadas por si, numa demonstração do espírito sistemático próprio de um cientista. Mais importante, a sua qualidade ultrapassa em muito a de um amador dotado e atinge o nível do criador visual, cuja dimensão artística e modernidade estética é passível de ser avaliada em termos nacionais e internacionais. Nesse sentido, é possível afirmar com total propriedade que Afonso Chaves não é nem um mero curioso da fotografia nem um dotado ilustrador

das suas atividades científicas, mas um verdadeiro fotógrafo: consciente e criativo, de máquina em punho, dedica-se a inventar imagens que, na sua ampla maioria, nada têm que ver com ciência - antes com arte e cultura visual. Nesse sentido, a sua obra, num raro e criativo diálogo com a ciência, é uma das mais originais contribuições para a história da imagem fotográfica em Portugal. O que nos conduz à terceira característica apontada: o facto de, pelo menos ao longo de 25 anos, o Coronel Chaves ter fotografado estereoscopicamente o mundo usando uma máquina dotada de duas lentes que, à distância certa entre si, disparavam simultaneamente e assim registavam duplamente o mundo. As imagens resultantes procuravam replicar a visão binocular humana e, quando colocadas num visor próprio, eram fundidas pelo cérebro do observador numa imagem única verídica-



Francisco Afonso Chaves (1857-1926), (col. Museu Carlos Machado).

camente tridimensional. Por outras palavras, a máquina em causa foi precursora dos sistemas 3D que hoje inundam as nossas salas de cinema, preenchem a nossa imaginação e alimentam a nossa sede de envolvimento visual e emocional.

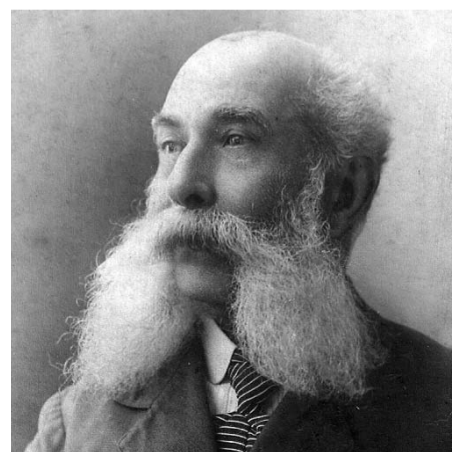
Finalmente, em Francisco Afonso Chaves como em mais nenhum fotógrafo português antes de si, observamos a emergência de uma qualidade intrinsecamente moderna: a da *imagem errante* que, criada em sucessivas viagens, por terra e por mar, pelos arquipélagos dos Açores e da Madeira, pelo continente português, por grande parte da Europa, pelo sul e leste de África, pela península arábica, se tornou expressão visual da própria ideia de movimento, jornada e itinerância - característica indissociável do observador apaixonado e da cultura visual moderna construída nestes quase dois séculos de existência da fotografia. ♦

VÍTOR DOS REIS
FACULDADE DE BELAS-ARTES | UL
vdosreis@fba.ul.pt

A fotografia nos Açores

Nos últimos tempos, tem sido notório um novo comportamento dos cidadãos perante a fotografia, tomando consciência de que ela faz parte do nosso património cultural. O desleixo que os levava a deitar para o lixo “aqueles papéis velhos sem qualquer interesse”, vai sendo substituído pelo cuidado de as preservar em casa ou entregar nas instituições que delas podem zelar.

Cada fotografia conta uma história, deste modo transforma-se em valioso documento interpretativo do um passado histórico que merece todo o nosso desvelo. Este vasto património foi obra de um leque alargado de homens e mulheres que fixaram para a posteridade, com as suas máquinas, momentos únicos da nossa existência.



António José Raposo (n.1848), um dos primeiros fotógrafos micalenses. (col. particular).

Pouco depois de Daguerre ter inventado um processo fundamental para a evolução da fotografia, conhecido por daguerreotipia, em 1837, chegaram a Portugal fotógrafos estrangeiros, acabando alguns por

se fixar no Continente. O processo nos Açores terá sido idêntico, os dados disponíveis apontam para que a fotografia tenha chegado por intermédio de estrangeiros, a Ponta Delgada e a Angra do Heroísmo, em 1845 e 1846, respetivamente.

Na década seguinte, já encontramos estabelecimentos abertos ao público, geridos por açorianos. A expansão para as vilas foi tímida até à II Guerra Mundial, mas consolidou-se depois dos anos 40 com a abertura de casas especializadas e com profissionais a tempo inteiro. Paralelamente assiste-se ao crescimento do número de fotógrafos ambulantes que percorrem as freguesias rurais.

A fotografia a preto e branco dominou o mercado até aos anos 70. Só no final desta década, é que a fotografia a cores começou a conquistar a adesão do público. De uma forma geral, esta década corresponde a uma outra etapa da fotografia açoriana, com a entrada de uma nova geração que en-

veredou por tecnologias mais avançadas. A evolução da própria sociedade, com as transformações operadas após o “25 de Abril” e a instauração do regime autónimo, alteraram modos de vida, que as próprias fotografias testemunham. O mundo passa a ser visto a cores e para muitos de forma colorida, com a democratização alargada da fotografia.

Para um conhecimento mais aprofundado desta temática, consultar o livro *A fotografia nos Açores*, editado pela DRAC. ♦

CARLOS ENES
INVESTIGADOR
carlosenes@gmail.com

PROMOTOR



Governo dos Açores
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Direção Regional da Cultura